QUANTO VALE UM SAMBA? GENTRIFICAÇÃO E ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA EM UM BAIRRO DO RIO DE JANEIRO

Andrez W. Machado[1]
Paulo Gracino Júnior[2]
Rogério F. de Souza[3]

Resumo

Este artigo analisa o processo empreendedorismo e gentrificação de áreas urbanas sob a lógica da cidade como mercadoria, tomando o bairro de Vila Isabel, Rio de Janeiro-RJ, como parâmetro investigativo. A despeito da retórica que justifica os grandes projetos públicos e privados, ancorada no desenvolvimento socioeconômico e na promoção do bem-estar da população local, considerar-se-á o impacto social negativo evidente destes empreendimentos. Desta forma, interessa-nos tanto os aspectos mais objetivos, como o processo que une requalificação autoritária dos bens culturais à especulação imobiliária, quanto seu impacto na sociabilidade do bairro, considerando, sobretudo, o reposicionamento da identidade local diante das interpelações da lógica da gentrificação e da valorização empreendedora do espaço urbano.

[1]Mestre em Sociologia. IUPERJ/UCAM. Doutorando em Ciências Sociais na UFRRJ.
[2]Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do IUPERJ/UCAM.
[3]Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do IUPERJ/UCAM

Palavras-chave

Gentrificação, megaeventos, cidade-mercadoria, rio de janeiro, vila isabel.

Abstract

This article analyzes the entrepreneurship and gentrification process of urban areas under the logic of the city as a commodity, taking the neighborhood of Vila Isabel, Rio de Janeiro-RJ, as an investigative parameter. Despite the rhetoric that justifies large public and private projects, anchored in socioeconomic development and promoting the well-being of the local population, the negative social impact of these projects will be considered. In this way, we are interested in both the more objective aspects, such as the process that unites the authoritarian requalification of cultural assets with real estate speculation, and its impact on the neighborhood's sociability, considering, above all, the repositioning of local identity in the face of the interpellations of the logic of gentrification and the entrepreneurial valorization of urban space.

Keywords

Gentrification, megaevents, commodity-city, rio de janeiro, vila isabel.

Introdução

Desde os anos 1990, as dinâmicas de gestão das grandes metrópoles, também entendidas como Cidades Globais (Sassen, 2008), tenderam a conceber e operacionalizar, política e administrativamente, a lógica empreendedora na cidade vista como mercadoria, nos termos de David Harvey (2001). Tomando em relevo a cidade do Rio de Janeiro-RJ[4], observa-se que esse processo se intensi-

4 Tratado ao longo do artigo apenas como cidade do Rio de Janeiro.

ficou com a implementação do projeto Porto Maravilha[5], em curso desde 2010, juntamente com a promoção e recepção dos megaeventos globais, como: a Copa das Confederações (2012); a Jornada Mundial da Juventude - JMJ (2013); a Copa do Mundo (2014) – atuando como uma das 12 cidades sedes e palco da final –; culminando com as Olimpíadas (2016).

A política de intervenção urbana que culminou no projeto de revitalização de espaços públicos da cidade priorizou os interesses de investidores e do capital privado em detrimento do bem-estar público, além de promover em escala, até então não vista[6], de um movimento de especulação imobiliária e gentrificação de bairros e regiões, tanto centrais como periféricas da cidade. A base do argumento é bastante similar à retórica usada mundo afora em processos de gentrificação (Hamnett, 1984; Atkinson & Ebridge, 2005; Bidou-Zachariasen, 2006; Smith, 2007; Lees, Slater & Wyly, 2008), ou seja, as intervenções buscam requalificar a cidade, revitalizando e modernizando seus espaços, tidos como degradados (Gutteres, 2016), através de uma parceria público-privada visando à melhoria dos espaços urbanos, mais mobilidade, investimento e, por fim, melhor qualidade de vida.

Entretanto, o processo de intervenção do espaço público da cidade do Rio de Janeiro, decorrente das ações que buscaram dotar a cidade de novos equipamentos urbanos, vias expressas de transporte público, conglomerados imobiliários e paisagismo moderno com novos contornos para o espaço público geraram um intenso processo de exclusão social, já que um elevado número de mora-

[5] Tratou-se de um projeto de modernização da região portuária da cidade do Rio de Janeiro que implicou enormes intervenções no seu espaço físico e na sua geografia humana, visando a adequação da cidade, no entendimento dos gestores públicos, aos megaeventos. A Zona Portuária do Rio de Janeiro tem sido objeto de um conjunto de intervenções intersetoriais que vão da produção de segurança, passando pela reurbanização, chegando às ações socioculturais. Esta região compreende os atuais bairros Saúde, Gamboa e Santo Cristo, onde também se localizam os morros da Conceição, do Livramento, da Providência e do Pinto (Mesentier & Moreira, 2014; Gutteres, 2016; Nascimento, 2019).

[6] Em 2012, pesquisa realizada pela *Global Property Guide*, empresa britânica de avaliação de imóveis, apontou o Brasil, como um dos principais países a liderar a valorização dos imóveis nos últimos anos. Destaque para cidade do Rio de Janeiro-RJ, que desde 2008 passou a liderar o aumento do custo por moradia, se tornando a 11° cidade mais cara do mundo para se morar (Recuperado de www.globalpropertyguide.com). Cabe destacar, entretanto, que desde a crise política e econômica no país, a partir de 2015, os preços dos imóveis na maioria das cidades brasileira iniciaram um movimento declinante, resultado do alto índice de desemprego, do crescimento do PIB e do baixo investimento no setor de construção e financiamento imobiliário. (Recuperado de www.globalpropertyguide.com/Latin-America/brazil).

dores foi removido de forma compulsória ou indiretamente, tendo que deixar seus imóveis frente ao grande aumento do preço do metro quadrado, refletido diretamente na valorização exorbitante dos preços dos imóveis e, colateralmente, nos serviços. Por este turno, a tônica dada pela lógica neoliberal de organização do espaço público atrelada ao empreendedorismo urbano trouxe consequências tanto no campo político, quanto no urbanístico e no social, atingindo não somente lugares tradicionalmente turísticos da "cidade maravilhosa", mas, principalmente, as regiões "degradadas" e periféricas da cidade – –o que Gutteres (2016) chama de "discurso de esvaziamento", que produz uma urgência de um preenchimento e justifica a gentrificação.

Partido dos achados de uma pesquisa realizada em alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro, entre 2013 e 2017, este artigo analisou o processo de empreendedorismo e de gentrificação das áreas urbanas sob a lógica da cidade como mercadoria, tomando o bairro de Vila Isabel – bairro tradicional, periférico e boêmio da cidade –, como parâmetro investigativo. Levou-se em conta que, a despeito da retórica ancorada no desenvolvimento socioeconômico e na promoção do bem-estar da população local, que justificam tais projetos públicos e privados, o impacto social negativo é evidente. Desta forma, chamou-se a atenção tanto para os aspectos mais objetivos, como o processo que une requalificação autoritária dos bens culturais à especulação imobiliária, quanto seu impacto na sociabilidade do bairro, com o consequente reposicionamento da identidade local ao ser interpelada pela lógica da gentrificação e da valorização empreendedora do espaço urbano.

Nesse sentido, os deslocamentos nas narrativas sobre o espaço social do bairro – como pensado por Bourdieu (1987) –, tornam-se mais agudos *pari passu* ao aprofundamento da gentrificação. Não se tratam apenas de processos de assimilação da cultura, patrimônio e memórias locais, transformados em *comodities* ao serem incorporados a circuitos comerciais, mas, da mudança de posicionamento dos sujeitos e das narrativas neste cenário. Neste ponto, é interessante notar o papel central ocupado pela figura de Noel Rosa (1910-1937) – cantor e compositor nascido no bairro que revolucionou o gênero musical – e pela Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, na articulação das disputas e consensos discursivos gerados em torno do bairro. São a partir destes pontos nodais que se articulam as disputas entre as apropriações mercadológicas – especialmente do ramo imobiliário e do circuito gastronômico – e as demandas identitárias por pertencimento e autenticidade, emanadas de grupos sociais ligados às memórias da escola de

samba e pela proximidade biográfica à sua trajetória histórica. Como abordado ao longo do texto, são comuns as menções a Noel Rosa nos nomes tanto de bares, quanto de empreendimentos imobiliários – que tentam transmitir um ar boêmio e bucólico ao bairro – ao passo que a proximidade com a Escola é acionada, principalmente, em disputas por pertencimento, autenticidade e autoridade – via de regra, ganhando contornos de discurso contra hegemônico (Laclau & Mouffe, 2004).

Observaram-se, ainda – extrapolando um pouco os objetivos deste trabalho – os reflexos no bairro de Vila Isabel após o ocaso da política de "cidade mercadoria" em curso no município do Rio de Janeiro após os grandes eventos. Aguçando o sentimento de frustração em uma população que já se via alijada do sonho dourado da "cidade maravilhosa", oferecendo, assim, um chão fértil para uma guinada conservadora – movida pelo ressentimento, nos termos que coloca (Brown, 2019) – em uma cruzada por retomar e redesenhar o espaço social do bairro. Como será exposto, Vila Isabel – bairro boêmio e de notória identidade operária, base tradicional do movimento negro e nicho eleitoral de partidos de esquerda – passa a assistir manifestações sociais regressivas, como passeatas contra o aumento da criminalidade no bairro – que se resume a demandas por policiamento repressivo e segregação somado ao reposicionamento político eleitoral, com o deslocamento dos votos em tradicionais candidatos de esquerda para candidatos notoriamente ligados ao expectro político conservador.

Rio de Janeiro: a cidade como mercadoria e o empreendedorismo urbano

A busca da ordenação do espaço da cidade é por assim dizer, a luta pela dominação do capital, que se reproduz nesse espaço. É a luta pela dominação de classes. Ordenar significa também estabelecer direitos e deveres. Quem tem acesso e quem está excluído dele. Quem se apropria do resultado do excedente socialmente produzido, e quem o deixa de se apropriar. A urbanização da cidade será, então, um processo de contradições. Pois são resultados da luta pelo poder nas relações entre as classes sociais e no interior das classes. Ora são relações de alianças e afirmação de compromissos, ora momentos de confrontos e imposições de poder da classe dominante sobre a classe dominada, que, na perspectiva da Castells (1989), dependendo da tensão dos embates ou dos ajustes nas ne-

gociações entre as classes sociais, se expressarão em políticas urbanas governamentais mais excludentes, de maior acumulação de capital, ou, em políticas mais integradoras.

Apesar dessa modulação que o poder público realiza entre políticas urbanas excludentes e políticas urbanas integradoras, o cenário que se desenhou a partir dos anos de 1990, apesar da retórica de grande parte dos administradores públicos e atores empresariais, foi a visão empresarial da cidade. As grandes metrópoles passaram a ser administradas como empresas – empresas globais, cujo objetivo é a atração de capitais e a minimização dos custos de administração das cidades. Nas prédicas de Harvey (2006), a partir da globalização e o empreendimento do modelo neoliberal de administração das cidades, os governos locais vêm atuando muito mais como empreendedores do que como gerenciadores da administração pública, tendo o capital uma prevalência sobre o social no espaço urbano. Segundo o autor, tal administração pode ser evidenciada pela busca constante que os administradores urbanos se empenham em atrair e gerir megaeventos. A tônica de sucesso da administração pública da cidade passou a ser medida pelo grau de atratividade e pela gestão de megaeventos que cada administração consegue acumular.

As consequências urbanísticas, sociais e políticas são postas em um plano *a posteriori*, denominado como "legados". Em outras palavras, o custo social ocasionado por remoções, despejos, desalojamento parcial ou integral, interdição de áreas etc. são justificados pelo imprevisível "legado" das intervenções. O custo social é minimizado pela retórica de um futuro promissor, de uma cidade mais atrativa aos negócios e pela melhora dos espaços públicos e, consequentemente, da qualidade de vida.

Em se tratando da cidade do Rio de Janeiro, o marco inicial da "visão empresarial dos negócios públicos" foi o Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro, na primeira gestão do prefeito César Maia (1993-1996). O objetivo desse plano, como bem salientou o prefeito na época, era "tornar a cidade mais atraente para investimentos externos". Sob esta perspectiva, a suposta valorização dos espaços públicos, com melhorias pontuais e esteticamente planejadas, possibilitaria uma melhor colocação da cidade no mercado global, a um suposto "resgate da cidadania" e da "melhoria da qualidade de vida da população local" (Vainer, 2000).

De lá para cá, a cidade planejou, recebeu e geriu inúmeros megaeventos como os Jogos Pan-Americanos do Rio (2007); a Copa das Confederações (2012); a Jornada Mundial da Juventude (2013); a Copa do Mundo de Futebol (2014),

como uma das cidades sede, e; os Jogos Olímpicos do Rio (2016). Atrelados aos megaeventos vieram os mega projetos. A construção da Vila do Pan na Barra da Tijuca de 2006 a 2007; o Museu do Amanhã de 2014 a 2015; o Porto Maravilha de 2012 a 2016; o BRT (*Bus Rapit Transit*) e VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) de 2012 a 2016, entre outros. Pode-se dizer que tanto a cidade quanto nos espetáculos a serem vendidos na busca por novos negócios, a cidade foi tomada como "uma unidade, um sujeito simples, coeso e sem qualificação. O que é uma negação da própria cidade enquanto espaço político (Caruso, 2015).

A cidade mercadoria e a gestão empreendedora subsumiram o contraditório, os conflitos e as desigualdades. Neutralizou as tradições e os aspectos diversos da cultura local em detrimento de um homogêneo e lucrativo espaço ordenado urbanamente, acirrando e dinamizando as desigualdades nos espaços urbanos. Ao fim e ao cabo, os efeitos desse processo se impõem, acirrando as desigualdades e as contrições do capital, na forma de especulação imobiliária e na gentrificação do espaço urbano e social, temática da próxima seção.

O bairro de Vila Isabel entre o passado e o presente: identidade de bairro e as mudanças em curso

O bairro de Vila Isabel é cortado pela avenida Boulevard 28 de Setembro e possui, nas suas edificações, traços arquitetônicos de cada época do seu processo de urbanização. O espaço urbano do bairro não obedece a uma ordem cronológica. A arquitetura do início do século XX se funde e se confunde com monumentos da década de 1990, como, por exemplo, a Estátua de Noel Rosa[7] que tem como pano de fundo a paisagem do casarão abandonado. Este por sua vez, em um período mais recente, funcionou como bar de samba[8], onde se reuniam jovens universitários. Ao lado oposto desse "antigo bar" no início da Avenida Boulevard, se encontra o "Planeta do Chopp". Fundado em 1996, trata-se de um bar caracterizado, isto é, decorado com motocicletas antigas, fotos de artistas, instrumentos musicais, camisas de futebol, estatuetas de sambistas como Mar-

[7]Localizada no início do Boulevard, já nos limites do bairro de Vila Isabel com o bairro Maracanã.

[8] Estabelecimento comercial destinado ao lazer com rodas de samba, alimentação e bebidas.

tinho da Vila, Noel Rosa e do "chorão"[9] Pixinguinha, bandeiras do Brasil e de Portugal, algumas paredes sem tinta e sem reboco, mostram os antigos tijolos daquela edificação. É um bar nitidamente, voltado a um público de classe média. Em toda Avenida Boulevard até a Praça Barão de Drummond[10], percebe-se a manutenção desse contraste, entre o antigo e o novo, como marca indelével da paisagem do bairro. Assim, entre estabelecimentos (bares e botequins) boêmios e casarões de séculos passados, encontram-se novos prédios residenciais e comerciais, mesclando-se à identidade simbólica do bairro. Um lugar da boêmia, da nostalgia e do samba que congrega atrativos voltados a um novo público, com maior poder aquisitivo, dentro de uma lógica comercial.

Vila Isabel é um bairro localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, denominado como bairro do subúrbio carioca, de inspiração parisiense, com uma arquitetura e formato que datam do final do século XIX e início do XX e com uma grande carga simbólica em torno de sua história, de sua tradição como bairro boêmio e "berço do samba"[11]. Assim, o bairro possui em sua identidade uma forte relação com o samba, com os desfiles de blocos carnavalescos e com a escola de samba Unidos de Vila Isabel. Há em suas ruas e avenidas tanto bares requintados como boteco pé sujo[12]ou tendinha[13]. A vida noturna é cenário constante de onde brotam narrativas sobre as histórias de vida de seus moradores,

[9]Chorão é a denominação do intérprete ou compositor de músicas do gênero brasileiro conhecido como Chorinho. A grande maioria das músicas é instrumental, destacaram nesse gênero Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga, Catulo da Paixão, Dilermando Reis e Vila Lobos. Este último contribuiu para divulgação do gênero ao gravar a "Suíte Popular Brasileira".

10 Praça localizada no extremo oposto ao início da Avenida Boulevard, marcando o final da mesma.

11 Bairro onde nasceu Noel Rosa, considerado um dos mais famosos músicos e compositores de samba do país. Em suas canções, buscou enaltecer Vila Isabel e demarcá-lo como o bairro onde "o samba mora".

[12]Denominação atribuída aos bares populares. Frequentado por clientes, em sua maioria, da classe trabalhadora, que ficam ao redor do balcão. Nesses bares as comidas são preparadas com antecedência e ficam expostas na estufa. Os preços normalmente são mais baixos que nos dos bares temáticos. Garrafas de bebidas ficam expostas, a televisão que passa os jogos de futebol é praticamente um "quesito obrigatório", muitos deles possuem um altar que abriga um tipo de santo. Na cidade do Rio de Janeiro nos bares deste tipo se encontram imagens de São Jorge e São Sebastião, os padroeiros da cidade.

13 Tendinha é um estabelecimento comercial de bebidas e de objetos variados (conveniências), organizado na residência do proprietário. É muito comum nos "morros" e "favelas" cariocas. Em Vila Isabel as tendinhas ficaram famosas por serem pontos de encontro de diversos compositores do morro, onde aconteciam rodas de samba e onde se produziam diversas composições e novas parcerias.

relembradas de forma nostálgica, buscando-se no passado a idealização de um bairro essencialmente voltados à arte do samba e a boêmia. Por isso, bares e botequins são locais privilegiados para se ter contato com essas narrativas, um ambiente positivado pelas histórias envoltas pelos ritos e tradições do bairro, pelas figuras ligadas ao samba e ao carnaval.

São nos bares que os laços sociais são tecidos, reforçados e reestabelecidos. São neles que as distâncias sociais e de classe são reduzidas. No entanto, isso não significa que os sujeitos percam as suas características individuais e deixem de exercê-las em determinados conflitos. Assim, o que se percebe nestes ambientes é que são forjados processos de socialização a partir da comida, da bebida, do assistir e conversar sobre os jogos de futebol, sobre a escola de samba, entre outros assuntos. Novos subgrupos são formados a partir dessa lógica interna, específicas de cada bar ou botequim. Isso faz da Vila Isabel um bairro que abriga diversos grupos e subgrupos que podem ser interpretados como pequenas "comunidades", recorrendo ao conceito de Bauman (2003). Umas com mais lastro que outras, por serem alicerçadas na tradição, como exemplo, grupos organizados a partir da velha guarda de compositores da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, e outras a partir da frequentação de um mesmo bar ou botequim.

No que concerne à tradição, em Vila Isabel se percebe que fazem parte do imaginário e ilustram as caricaturas do bairro personalidades como os músicos Martinho da Vila e Noel Rosa; as cores azul e branca, que representam as cores da Escola de Samba do bairro; o calçamento da Avenida Boulevard 28 de Setembro, que tem em suas calçadas desenhos de partituras musicais. Esses símbolos contribuem para a permanência da tradição boêmia e sambista do bairro, mas, também foram objeto de atração de novas atividades comerciais, novas personalidades e novos moradores. E é nessa mescla – entre a manutenção da tradição e o surgimento de novos empreendimentos residenciais e comerciais, entre antigos moradores e novos, entre uma vida que consagra a boêmia e outra novas formas de entretenimento – que os conflitos se situam, vão marcando o bairro, reafirmando os espaços como lugares de memória (Nora,1993) e ressignificando outros. Todo esse processo delimita os pontos simbólicos de referência do bairro, positivando-o e possibilitando a acumulação de um capital simbólico. Como exemplo, o bar Petisco da Vila, o "Quadrilátero do álcool", a Fábrica de Tecido

Confiança, as Calçadas Musicais, o Vilinha[14], a Praça Sete[15], o bar Planeta do Chopp, o "Maracanã" [16], etc., são pontos de referência.

Figura 1. Pontos de referência do bairro de Vila Isabel



Fonte: elaborado pelo autor.

O capital simbólico em que esses personagens e lugares passam a adquirir no processo de disputa por legitimidade obedece, ao nosso entendimento, a mesma linha interpretativa de (Bourdieu, 1987), no qual, o capital simbólico funciona como uma das formas de capital que, no jogo de disputa por bens escassos, configura-se como um dos poderes sociais fundamentais. Em outras palavras,

> O mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos

[14]Associação Atlética Vila Isabel (AAVI).
[15]A atual Praça Barão de Drummond. Sete de março faz referência data da instalação do gabinete do Visconde do Rio Branco que foi responsável pela elaboração da lei do Ventre Livre: 7 de março de 1871. Em 1909, a praça passou a denominar-se Barão de Drummond, em homenagem ao fundador do bairro.
[16]Estádio Mario Filho, conhecido como Maracanã, nome do bairro onde se localiza o estádio de futebol. Mesmo não sendo localizado em Vila Isabel, a proximidade e afinidade com o futebol, faz com que o Maracanã seja inserido nos discursos de positivação do bairro. Veremos isso no comercial de venda, de um imóvel em Vila Isabel.

> principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes no jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos que são baseados em contatos e participação de grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (Bourdieu, 1987, p.4).

Partindo dessa noção de capital simbólico, inicia-se a análise dos processos e ações dos atores gentrificadores, que buscam através do acionamento desse capital simbólico e das disputas por eles, autenticar e singularizar o seu produto com o "selo" de Vila Isabel. Esse conjunto de processos e ações engloba não somente os equipamentos culturais, mas também os de moradia, que agregam elementos iconográficos na busca de *status* que produzem distinções, como é o caso do empreendimento residencial denominado Vila Rosa. As propagandas em torno deste empreendimento acionaram vários símbolos caros à identidade do bairro Vila Isabel, como o samba e a boêmia. Entretanto, trata-se um empreendimento voltado ao consumo por uma classe com padrão de renda considerado alto para o estilo de vida do bairro. Ou seja, um exemplo de processo de gentrificação em curso.

Gentrificação especulação imobiliária: rumo à cidade global

Sabe-se que as primeiras formulações sobre gentrificação elaboradas por Ruth Glass (Glass & Pollins, 1960) na década de 1960, buscaram abordar a forma como famílias de classe média povoaram antigos bairros desvalorizados do centro de Londres. Buscava-se compreender como foram os impactos na mu-

dança da composição dos moradores locais, de camadas populares, por outros, de camadas médias assalariadas que, normalmente, investem em um estoque de moradia e serviços (Bidou-Zachariasen, 2006).

Inúmeros estudos vão demonstrar que não existe uma forma única de gentrificação, mas uma diversidade de processos como salienta Bidou-Zachariasen (2006) em um conjunto de estudos nas cidades de Nova Iorque, Londres, Bruxelas, Lyon, Barcelona, Nápoles, Cidade do México e São Paulo[17]. A gentrificação se dá vertical e horizontalmente e em dimensões variadas de cidades, metrópoles e megalópoles. É um fenômeno urbano de ampla magnitude e diversificação. Nesse sentido, a localidade, as formas de sociabilidade, a economia, a cultura e outras dimensões do espaço urbano sentem sse processo e se reconfiguram a partir dele.

> As grandes aglomerações, ou redes de cidades, são capazes de produzir sobre seu território novas sinergias de desenvolvimento a partir de setores como os serviços (de todo o tipo: bancos, seguros, turismo, etc.), novas tecnologias e produção de bens correspondentes a nichos bem precisos (lazer, cultura, luxo, etc.). Os bairros gentrificados podem se inscrever nesses novos processos de crescimento. Pelo menos essa é a hipótese de numerosos autores (entre os quais citamos acima: Harvey; Lash e Urry), mas também de Butler (1995), assim como Scott e Stoper (1989) (Bidou-Zachariasen, 2006, p.25).

Em outro estudo, Smith (2006) – que tratou da gentrificação na cidade de Nova Iorque, sob uma abordagem econômica voltada à discussão do setor imobiliário e para o uso dos espaços urbanos – identificou outras categorias do processo de gentrificação, como os protagonismos do indivíduo, do setor imobiliário, do poder público, da iniciativa privada e também de investidores externos. Em mais um estudo, com outra abordagem (Sassen, 1991), levou-se em conta as estratégias de um grupo de *yuppies*[18], pessoas que buscam um modo de vida e um tipo de consumo próprios, adequados às suas capacidades monetárias.

[17]Ver também para Nova Iorque (Mah, 2020); Londres e Berlin (Lebreton & Mougel, 2008); Itália (Calafati, 2014); Lisboa, (Mendes, 2017) e São Paulo (Kara-José, 2007).
[18]Colocar breve nota sobre o que são os *yuppies*.

No caso do bairro de Vila Isabel, pode-se afirmar que o processo de gentrificação combina as duas expressões apresentadas nas análises supracitadas. A gentrificação, com novos atores econômicos e novos estilos de vida, atravessou as antigas formas de sociabilidade e dinamizou novas entre os moradores do bairro. Mesmo que o discurso de revitalização estivesse claramente exposto por parte dos atores públicos e empresariais, foi possível constatar, ao longo da pesquisa que subsidiou este artigo, novos investimentos direcionados à ocupação parcial do espaço por pessoas das classes médias, que, em tempos não tão remotos, tenderiam a procurar imóveis na Zona Sul[19] ou os condomínios na Barra da Tijuca[20].

Tabela 1. Tabela: Comércio de Imóveis de Vila Isabel.

Tabela de valor de novos imóveis em Vila Isabel							
	Nome	Valor mínimo (R$)	Valor Máximo (R$)	Valor mínimo (US$)	Valor máximo (US$)	Tamanho (m²)	Localização
1	Boulevard 28	233.439,00	299.000,00	57.582,39	73.754,32	22 a 33	28 de Setembro, 66
2	Jardins da Vila	401.000,00	649.000,00	98.914,65	160.088,80	55 a 87	Torres Homem, 688
3	Habitat da Vila	450.000,00	800.000,00	111.001,48	197.335,96	60 a 130	Justiniano da Rocha , 2012
4	Residencial Jamile	475.000,00	625.000,00	117.168,23	154.168,72	66 a 76	Emília Sampaio, 38
5	Primavera Residencial	500.000,00	703.087,38	123.334,98	173.430,53	74 a 82	Duque de Caxias, 39
6	Gift Residence	500.000,00	-	123.334,98	-	63 a 99	Oito de Dezembro, 446
7	Vila Rosa	520.000,00	890.000,00	128.268,38	219.536,26	58 a 92	Visconde de Abaeté, 51
8	Dueto Residencial	522.600,00	1.100.000,00	128.909,72	271.336,95	65 a 90	Theorodo da Silva, 899
9	Rize Residencial	574.000,00	650.000,00	141.588,55	160.335,47	93 a 146	Hipólito da Costa, 160
10	Paris Gare	585.000,00	-	144.301,92	-	68 a 70	Pereira Nunes, 379
11	Solar dos Gonzagas	760.000,00	-	187.469,17	-	80	Gonzaga Bastos, 397
12	Quinta D'tijuca	860.000,00	-	212.136,16	-	83 a 88	Tomáz Coelho, 40

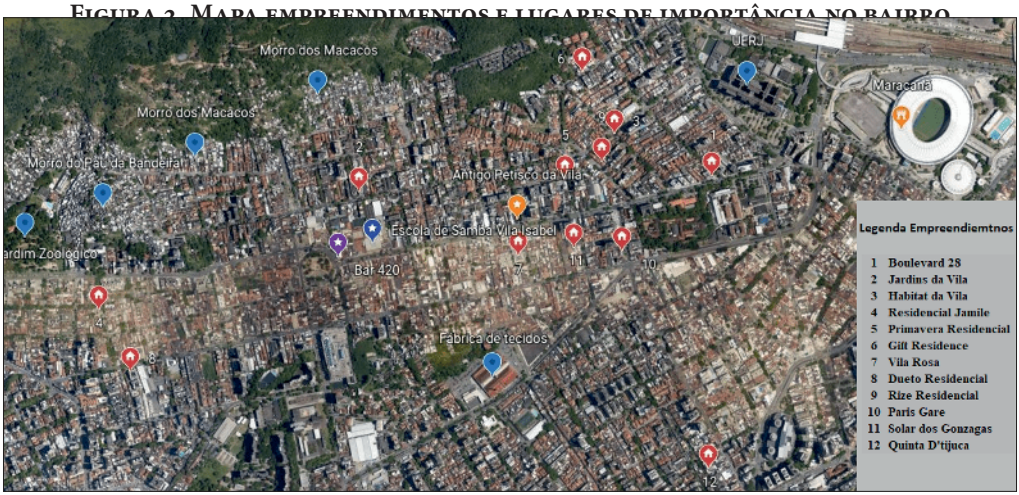
Fonte: Elaboração própria a partir de dados coletados nas corretoras.[21]

[19]Região nobre da cidade do Rio de Janeiro, ela é composta pelos bairros de Botafogo, Catete, Copacabana, Cosme Velho, Flamengo, Gávea, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Urca, São Conrado e duas grandes favelas, Rocinha São e Vidigal.

[20] Bairro nobre localizado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

21 Cotação do Dólar Comercial para venda em Real (R$), média do mês de janeiro de 2016, R$ 4,054.

Figura 2. Mapa empreendimentos e lugares de importância no bairro



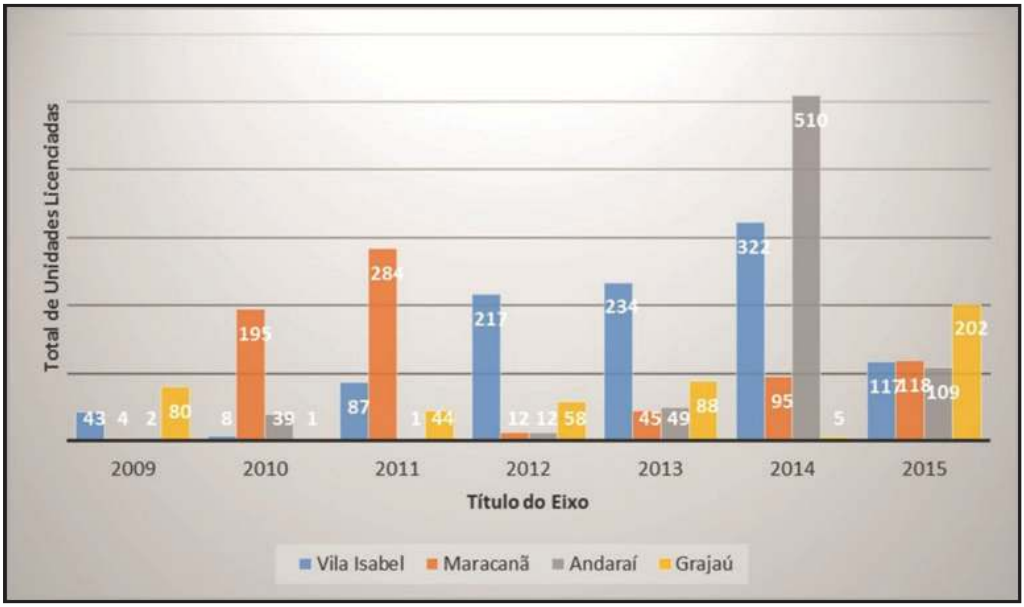
Fonte: Elaboração a partir do Google Erth.

As demandas por novos empreendimentos residenciais em detrimento de outras localidades e a consequente valorização dos imóveis no bairro de Vila Isabel podem ser entendidas como formas gentrificadoras no bairro em questão. Elas são decorrentes (e um reflexo) de um processo maior engendrado em função dos megaeventos esportivos (Copa das Confederações, em 2012 e a Copa do Mundo, em 2014). O referido bairro se encontra próximo ao centro comercial da cidade. Cidade esta que se "relança" para o mundo, tornando-se propícia aos investimentos de um público similar aos *yuppies* de Nova Iorque (Sassen, 1991). Esse novo grupo de potenciais consumidores de imóveis e serviços são, em sua maioria, um grupo de profissionais de classe média, funcionários de escalões mais elevados do sistema financeiro e jurídico, ou mesmo, da indústria do turismo. Estão inseridos numa faixa etária entre trinta e quarenta e três anos, com hábitos e estilos de vida peculiares.

De acordo com Sassen (1991), os *yuppies* foram responsáveis pela renovação dos edifícios mais velhos e seus estilos de vida estimulavam a abertura de novos restaurantes, bares, lanchonetes, serviços de entrega, equipamentos de cultura e lazer, etc. E, de forma similar, algumas modificações ocorridas no bairro de Vila Isabel remetem-se ao mesmo processo de ocorridos em Nova Iorque (Lees, 2003). No entanto, esses novos moradores, demandantes de novos estabelecimentos e unidades de moradias mais caras, não ocuparam de forma espontânea o bairro. Antes, porém, foi necessário a desestigmatização do bairro como um

bairro perigoso e violento, devido aos constantes conflitos entre grupos de traficantes rivais pelo controle do tráfico de drogas na região.

Gráfico 1. Licenciamento nos bairros Vila Isabel, Maracanã, Andaraí e Grajaú. Licenciamento de imóveis residenciais na Região administrativa IX - Vila Isabel, entre os anos de 2009 e 2015.



Fonte: Instituto Pereira Passos. Armazém de dados.

Como pode ser verificado no Gráfico 1, acima, os bairros circunvizinhos ao bairro de Vila Isabel, só a partir de 2011, apresentaram uma demanda por unidades licenciadas superior aos demais bairros. Percebe-se que a diferença de número de licenciamentos se manteve em elevado crescimento entre os anos de 2011 e 2014, ficando no início do período abaixo do Maracanã e em 2014 com os licenciamentos abaixo dos de Andaraí. Isso demonstra como atividades do setor imobiliário elevaram no período que demarca a conquista da realização dos Jogos Olímpicos pela cidade do Rio de Janeiro, que ocorreu em 2016. Paralelo às mudanças ocorridas no bairro de Vila Isabel, apesar de suas especificidades locais, cabe, destacar que tais mudanças não se deram de forma isolada, mas como

epifenômeno do processo maior correspondente à lógica da cidade mercadoria. No caso da cidade do Rio de Janeiro, o epicentro desse processo foi a região portuária da cidade, no entorno do, já mencionado, Projeto Porto Maravilha – projeto este que, à luz do que analisa Sassen (1991), traz a cidade para a esfera global de investimento.

> A dispersão espacial da produção, incluindo a sua internacionalização, contribuíram para o crescimento de polos de serviços centralizados para a gestão e regulamentação da nova economia de espaço. Grandes cidades, como Nova York, Londres e Tóquio, têm expandido muito os seus papéis como locais-chave para a gestão e coordenação de alto nível. A reorganização da indústria financeira levou a um rápido aumento na concentração, que já era significativa, das atividades financeiras nas grandes cidades. A expansão acentuada no volume de transações financeiras ampliou o impacto destas tendências. Finalmente, a reconcentração de um componente considerável da atividade de investimento estrangeiro e a formação de um mercado imobiliário internacional nessas grandes cidades, tem alimentado ainda mais este núcleo económico, das funções de controle e manutenção de alto nível. Resumindo, ao lado das tendências de descentralização conhecidas, há também tendências de centralização menos conhecidos. (Sassen, 1991, p.324)

A economia e a noção de cidade global se tornam fortes referências para o entendimento do processo de reorganização da cidade dentro de uma lógica do capital. Nesta reorganização da cidade surgem novas centralidades e novas regiões de gerenciamento. Serão essas novas regiões e localidades o foco de interesse dos investidores internacionais, com padrões globalizados. Entre esses investidores, haverá uma parcela vinculada ao setor imobiliário que desenvolverá práticas para implementação dos seus projetos em esferas locais. Como apontando por Da Costa Cardoso (2013), ao abordar questões referentes à Região Portuária do Rio de Janeiro:

> Tais ações e discursos possuem como características: não compartilhamento do poder de decisão e discussão com a sociedade

> civil sobre as prioridades, os projetos e as formas de desenvolvimento; produção de injustiça sócio-ambiental através da distribuição desigual de impactos dos projetos de desenvolvimento sobre a população, o território e os modos de vida; forte presença do Estado como formulador e operador das políticas de desenvolvimento e como financiador dos grandes projetos privado-empresariais de desenvolvimento; flexibilização da legislação urbana e ambiental para instalação dos grandes projetos públicos e privados; expropriação da terra e da moradia da população mais empobrecida e diretamente atingida pelos projetos de desenvolvimento, levando ao incremento das formas de segregação urbana desta população; especulação imobiliária e financeirização do mercado de produção imobiliária e do próprio urbano; desestruturação dos modos de vida de populações tradicionais removidas e/ou impactadas de outras formas; concentração do capital privado nacional e internacional em um limite do universo de grandes empresas globais que atuam de forma associada ou não e, cada vez mais, através da diversificação do portfólio de suas áreas de atuação (Da Costa Cardoso, 2013, pp.70-71).

Baseado nessa visão percebe-se que a Região Portuária do Rio de Janeiro se enquadra com nitidez nas abordagens acima, por alguns fatores. Em primeiro lugar, existe uma estratégia de revitalização evidente, expressa nas legislações, nos discursos dos administradores municipais. Os equipamentos e edificações contrastam com a realidade e o interesse da população local e, as transformações urbanas já impactaram no aumento do custo de vida nessa localidade e em seu entorno.

Em função de sua localização geográfica Vila Isabel está no raio de expansão desses projetos frente a sua proximidade ao estádio de futebol Mario Filho (Maracanã), principal mobiliário esportivo da cidade e palco para os megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Além disso, o Maracanã possui uma relevância simbólica, quando se trata de Copa do Mundo no Brasil. Isso se dá pela associação identitária da modalidade esportiva à identidade nacional brasileira adicionando capital simbólico ao local. No discurso oficial, publicado em 2016 no Portal Brasil[22], vinculado ao Ministério do

[22]Recuperado em http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/maracana.

Esporte, há uma clara vinculação entre elementos simbólicos da cultura nacional – notadamente, o samba e o futebol – à narrativa de positivação do processo de revitalização do estádio e das regiões circunvizinhas. Ou seja, o que começou com a região portuária da cidade, com o Projeto Porto Maravilha, expande-se para outras regiões trazendo novas centralidades. Como exposto no Portal, a Região do Maracanã:

> Durante os Jogos de 2016, os atletas viverão a experiência de competir em dois dos pontos turísticos mais famosos do Rio de Janeiro e do país: o Estádio Maracanã e o Sambódromo, que ocupam posição de destaque quando o assunto são as emoções do futebol e toda a alegria do carnaval. As duas instalações fazem parte da Região Maracanã, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, próximo ao centro. A região abriga ainda o Porto do Rio, parte integrante de um dos principais projetos de revitalização da cidade. Essa área será prioritária para os governos federal e municipal no que tange aos seus investimentos (Portal Brasil, 2016).

Entretanto, essa nova proposta de centralidade pautada em grandes investimentos e direcionada para as classes médias encontra um obstáculo, o presente uso dos entornos[23]. Pois, como já mencionado, tanto em Vila Isabel, quanto nos bairros Maracanã, Andaraí e Tijuca, se encontram como áreas de alta vulnerabilidade social, ocupada por população de baixa renda e convivência com o forte domínio do tráfico de drogas. Se o fortalecimento e a consolidação da nova centralidade se encontram articuladas às estratégias de requalificação dos espaços, tornando-os atrativos a novos investimentos, era fundamental para os investidores a redução da sensação de insegurança, tendo em vista que os imóveis naquela região sofriam com a desvalorização.

> Vale salientar que em nossa tradição a "manutenção da ordem" enseja uma concepção de sociedade formada por membros que,

[23]Somando as áreas ocupadas por comunidades, das Regiões Administrativas de Vila Isabel e Tijuca, tem-se 2.046.447m² de acordo com a Tabela 2642 do Armazém de dados do Rio de Janeiro. Recuperado em http://portalgeo.rio.rj.gov.br/amdpgint_ms.asp?gtema=5&gcod=100&gcod_sub=319&gtipo_topo=Tem%E1ticos&gtipo_sub=1. .

> de partida, já são desiguais e, que por isto, o Estado deveria ser presente e onipotente, no sentido de ser ele o responsável por "compensar" as desigualdades. Logo, o Estado aparece como o guardião de uma ordem que está acima da sociedade e que, precisa ser defendida para que a harmonia possa "reinar". Entretanto, esta concepção traz à baila uma questão central e reveladora do paradoxo de nossa sociedade que, mesmo no regime republicano, lida formal e informalmente com a desigualdade entre os indivíduos como sendo "natural", cabendo ao Estado, portanto, o uso de expedientes que tratem desigualmente os desiguais (Caruso, 2015, pp. 76-77).

Buscando reduzir a influência e o poder dos traficantes e a recuperação do domínio do território, o Governo do Estado criou as Unidades de Polícia Pacificadora – UPPs[24], que também se configurava como uma tentativa de reduzir a sensação de insegurança. Diante disso, a análise desse processo demarca uma junção de uma política pública de segurança pública e o processo de gentrificação e revitalização de novas localidades. Ao compararmos o mapa de instauração das unidades (Figura 3), marcadas de vermelho, com o mapa das regiões, marcadas de amarelo, que abrigaram as atividades dos jogos olímpicos, nota-se uma convergência entre essas áreas. Nas regiões da Zona e Sul e Maracanã, onde concentraram grande parte dos jogos percebe-se uma grande concentração de UPPs.

[24]A UPP foi um dos mais ousados programas de Segurança Pública realizado no Brasil nas últimas décadas. Implantado pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, no fim de 2008, o Programa das UPPs – planejado e coordenado pela Subsecretaria de Planejamento e Integração Operacional – foi elaborado com os princípios da polícia de proximidade, um conceito que vai além da polícia comunitária e tem sua estratégia fundamentada na parceria entre a população e as instituições da área de Segurança Pública. O Programa engloba parcerias entre os governos – municipal, estadual e federal – e diferentes atores da sociedade civil organizada e tem como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população. A "pacificação" teria um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades, pois potencializaria a entrada de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, esportivos e culturais, investimentos privados e oportunidades. O Estado do Rio de Janeiro já recebeu 38 UPPs e até o fim do ano de 2014, quando se inaugurou a última unidade. A polícia pacificadora conta com um efetivo atual de 9.543 policiais. No entanto, com a crise econômica e a mudança no Governo do Estado do Rio de Janeiro, a partir de 2017 o programa começa a ser desidratado e muitas unidades desativadas para o incremento de policiamento convencional. Recuperado em http://www.ispdados.rj.gov.br/UPP.html .

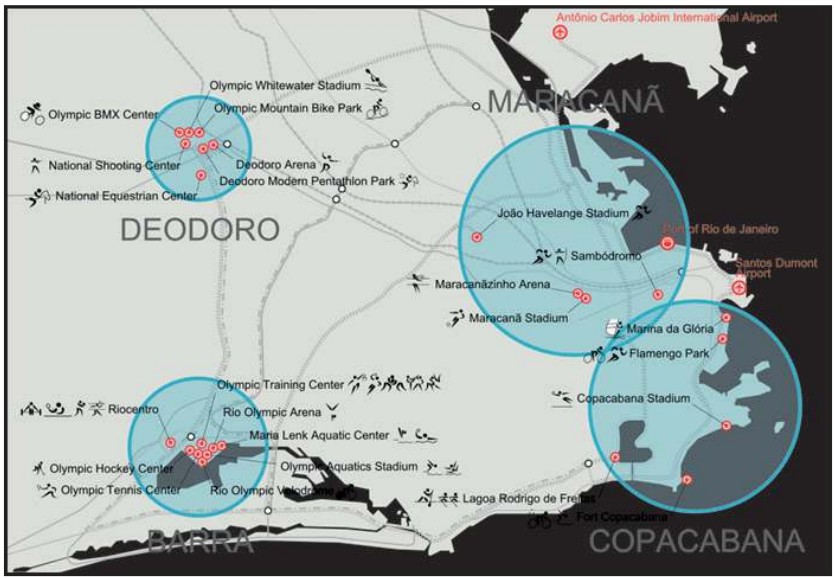
Figura 3. Instalações para os Jogos Olímpicos de 2016



Fonte: Elaborado por Felipe Menegaz[25]

[25]Recuperado em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rio_de_Janeiro_bid_venues_for_the_2016_Summer_Olympics.svg. .

Figura 4. Mapa das Unidades de Polícia Pacificadora (2016)



Fonte: ISPDADOS[26].

Nas regiões da Zona e Sul e do Maracanã, onde se concentraram grande parte dos Jogos, houve uma significativa concentração de UPPs. Esses dados sinalizam a estratégia de retomada de território articulada com um projeto de requalificação do espaço urbano, que assumiu um *status* de produto a ser comercializado, mas que ainda precisaria de um refinamento para atender às expectativas de um público exigente (Brito & Oliveira, 2013). Esses dados demonstram, de forma evidente, a estratégia de retomada de território articulada com um projeto de requalificação do espaço urbano, buscando requalificá-lo a um *status* capaz de atrair novos moradores, novos investidores e novas formas de socialização.

Destarte, ao apontar para um processo de gentrificação em curso no bairro de Vila Isabel, com base nas diversas características presentes na literatura (Glass & Pollins, 1960; Da Costa Cardoso, 2013; Sassen, 1991; Smith, 2006; Ley, 1986), acrescenta-se também o peso do movimento especulativo do setor imobiliário ao processo de gentrificação (Ley, 1986). Sabe-se que este setor em específico direciona o foco dos seus investimentos para o que se denomina de *"newmiddie-*

[26]Recuperado em http://www.ispdados.rj.gov.br/UPP.html .

class", esse grupo surge com um determinado poder aquisitivo e inclinado a um modo de vida que se enquadra nos padrões gentrificados.

> Os desenvolvimentos na economia e na sociedade das nações ocidentais no século XX conduziram à expansão considerável de um quadro de trabalhadores de colarinho branco bem treinados nas profissões e em posições gerenciais. O status teórico dessa "nova classe média" é controverso, mas vários autores os identificaram (em subgrupos significativos) com políticas liberais e mesmo sociais e democráticas. No nível municipal, os profissionais da classe média (em particular) têm sido estreitamente associados com a gentrificação de certos bairros da cidade durante as últimas duas décadas (Ley, 1986, p. 426).

Além da questão de uma "nova classe média", pode-se acrescentar o entendimento que se tem sobre noções de *upgrading e* "gentrificação marginal" [27]. Retornando ao processo de gentrificação em curso no bairro de Vila Isabel, há de se destacar que não há um projeto específico para o bairro nos moldes da Região Portuária (Projeto Porto Maravilha). O que se percebe é um movimento de irradiação das transformações urbanas, revitalizando e gentrificando outras localidades a partir do epicentro, onde, sem margem de dúvidas, as transformações são mais objetivas, com modificações na legislação, construção de novas e radicais edificações, instalação de novos órgãos administrativos, etc. Ao contrário das outras localidades, que tais mudanças se dão de forma mais esparsa, descentralizada e em pequena escala. Isso, no entanto, não invalida o argumento da gentrificação em curso, mesmo que densamente menor.

[27]O termo gentrificação marginal utilizado por Criekingen (2006) é utilizado para definir o processo em regiões que não foram totalmente requalificadas, mas sim sofreram alterações pelo reflexo de uma localização gentrificada. Já o que ele chama de *upgrading* são modificações de alguns equipamentos dentro desse formato gentrificado, sejam eles de moradia, cultura ou lazer. Essa abordagem sobre gentrificação marginal se afasta da adotada por Rose (1984), cujo termo é empregado para se referir à ocupação de indivíduos sub-empregados ou empregados em situações precárias que buscam um ambiente urbano social, etnicamente misto.

À guisa de conclusão: o ocaso da gentrificação e o esgarçamento das sociabilidades

Como dito, mesmo que não encontrando todas as características em Vila Isabel em relação à gentrificação ocorrida na Zona Portuária, há se destacar, em escala menor, alguns movimentos similares. Em relação ao bairro, houve por parte do Estado um interesse em requalificar o espaço urbano, com o intuito de potencializar a economia a partir dos investimentos voltados aos Mega Eventos Esportivos. Houve a tentativa de reestabelecimento da ordem pública e policial a partir de uma política de segurança vinculada aos investimentos em infraestrutura. Por fim, como consequência, houve, como já demonstrado, uma forte expansão imobiliária acrescida de uma significativa especulação imobiliária com o incremento de novos equipamentos de lazer, estabelecimentos comerciais e de moradia, obedecendo a um modelo gentrificado. Evidentemente, assistiu-se a um esgarçamento nas relações de sociabilidade local atrelada à desconexão e ao antagonismo de interesses entre os atores tradicionais e os novos atores.

Os laços sociais do bairro de Vila Isabel são tecidos e se fortalecem através do conjunto de eventos e festividades tidas como "tradicionais", tais como os ensaios de rua da escola de samba do bairro, a "Disputa de Sambas" na quadra da Escola de Samba, os dias de carnaval, o desfile dos blocos, o aniversário do bairro, a festa de Santo Antônio, entre outras. Esses eventos e atividades festivas têm, como foi dito, a função agregadora para os moradores do bairro, mas também atuam criando pontes de socialização das pessoas do bairro com pessoas externas a este.

Neste sentido, por óbvio, os ritos locais são importantes para valorização do capital cultural, mas não estão imunes à apropriação pela indústria do entretenimento, pela indústria do turismo, pelos especuladores imobiliários e pelo Estado. Assim, "A necessidade da comunidade estética gerada pela ocupação com a identidade é o campo preferencial que alimenta a indústria do entretenimento" (Bauman, 2003, p.63).

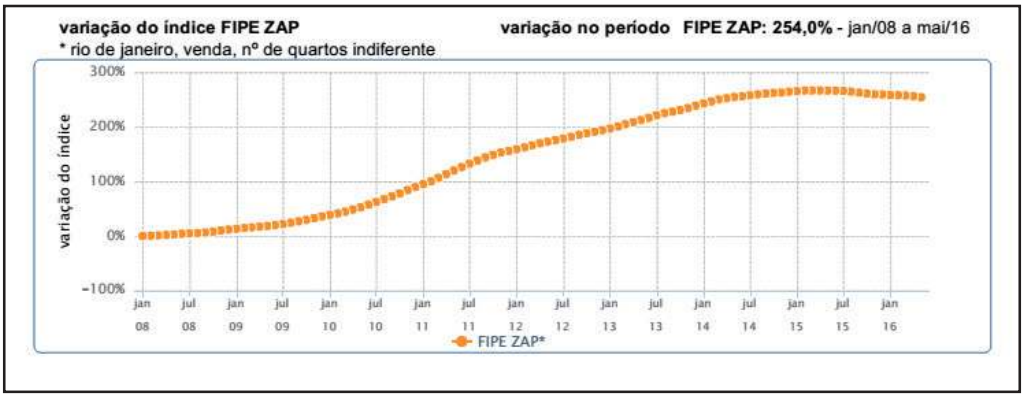
Similar ao que se constatou para a região central de São Paulo (Kara-José, 2007), há na Vila Isabel um processo em curso em que a cultura é instrumentalizada como bom negócio, artifício publicitário, e, finalmente, "meio de revalorização urbana" (Kara-José, 2007, p. 118). As formas locais de reprodução das "práticas culturais" vão sendo atravessadas por novas práticas e as formas de socialização são ressignificadas por um ente etéreo, o mercado, no qual "a cultura

como esfera externa aos sujeitos sociais" (Kara-José, 2007, p. 258) se trona um produto apartado de seus próprios produtores.

Para se ter ideia, o bairro de Vila Isabel se tornou tão lucrativo para os investidores, a partir da valorização do preço dos imóveis para venda – que ultrapassou 200% (entre 2010 e 2014)[28] – como também pelos preços do aluguel dos imóveis. Somado a isso, o elevado padrão de renda do novo consumidor/morador elevou substancialmente o custo de vida local. Os novos empreendimentos comerciais passaram a empregar uma política tácita de hierarquização social do espaço através do poder de compra do consumidor. Bares e estabelecimentos comerciais foram incorporados às redes comerciais maiores e o público tradicional, até então cativo desses lugares, foi se acomodando para novos e mais desvalorizados locais, geralmente, nas cercanias do Morro dos Macacos.

Retomando a questão da valorização dos imóveis, percebemos que, a partir do ano de 2010, houve uma constante valorização dos imóveis no bairro de Vila Isabel, que seguiu em ascensão até o ano de 2015. De acordo com o índice FIPE-ZAP (Gráfico 2), houve uma elevação de aproximadamente 250% nesses anos.

Gráfico 2. Variação de preço dos imóveis no bairro de Vila Isabel



Fonte: FipeZap[29]

[28]Recuperado em http://www.palmaresadm.com.br/noticias/conteudo.asp?cod=409 ehttps://extra.globo.com/casa/compra/recreio-vila-isabel-foram-os-bairros-do-rio-com-maior-valorizacao-384052.html.

[29]O Índice FIPEZAP de Preços de Imóveis Anunciados é o indicador de preços de imóveis - o principal termômetro do mercado imobiliário brasileiro - produzido em parceria entre a FIPE e o ZAP Imóveis.

A princípio, poderíamos sugerir que estava se apresentando um novo modelo de revitalização. Todavia, a regeneração, no sentido dado por Neil Smith (2002; 2006), do espaço com o "combate" ao tráfico de drogas (Brito & Oliveira, 2013), pode ser enquadrada nas ideias de desordem e caos social (Gutteres, 2016), em que as intervenções expressariam os signos de embelezamento e uma promessa de resgate da cidadania. Porém, quando falamos na criação de signos de embelezamento, nos depararemos com a utilização da versão contemporânea e comercial dos signos anteriores. Não que haja uma grande preocupação do Estado na manutenção da memória ou do modo de vida da população tradicional, mas, há uma estratégia de utilização desta memória, convertida em capital simbólico. Ela dará o *status* de originalidade e de singularidade aos equipamentos culturais e de lazer estabelecidos no Bairro. "A ideia de cultura está cada vez mais enredada com as tentativas de reassegurar tal poder monopolista, exatamente porque as alegações de singularidade e de autenticidade podem ser melhor articuladas como legações culturais distintivas e irreplicáveis" (Harvey, 2005, p.227).

No entanto, a partir de 2016, no crepúsculo dos Jogos Olímpicos, a situação do bairro sofreu uma virada drástica, acompanhando a derrocada político-econômica, tanto da cidade do Rio de Janeiro, quanto do país. O *impeachment* da presidenta Dilma, em 2016, foi um desfecho trágico que aprofundou uma conjuntura de crise econômica, desemprego, retração de políticas sociais, escalada da violência urbana via fortalecimento de facções criminosas.

Localmente, a falência do projeto das UPPs, a elevada taxa de criminalidade, bem como a exacerbada alta do desemprego, impulsionados em 2019/20 pela pandemia de Covid-19, fizeram com que os imóveis do bairro atingissem uma taxa de desocupação de 16%, uma das maiores da cidade[30]. Em consequência, os locais recém requalificados pelo processo de gentrificação foram reocupados por um contingente até então inimaginável de populações em condição de rua, fruto tanto da grave crise do país, quanto da correlata epidemia de consumo de crack que assola a maioria das grandes cidades do país. Diante deste cenário, como dissemos, a população do bairro, até então reduto da esquerda e do movimento negro, passa a se alinhar a discursos regressistas aos moldes do conservadorismo dominante no país.

[30]Recuperado em https://extra.globo.com/economia/financas/castelar/rio-tem-altas-taxas-de-vacancia-de-imoveis-residenciais-25147397.html.

Uma moradora, entrevistada por um jornal local, ao ser perguntada sobre as mudanças no bairro nos últimos anos e sobre a presença de pessoas em condição de rua, respondeu:

> Muitos moradores de rua rasgam os sacos de lixo na calçada, furtam os cabos de telefone e, até bicicletas. Alguns deles frequentam aquela cracolândia perto da UERJ. Por isso, acho que deveria haver um recolhimento compulsório, pois eles não saem daqui sem ser assim[31].

Outra entrevistada mesma matéria repete as mesmas queixa e posicionamentos:

> Eles dormem o dia todo em baixo das marquises. Não podemos mais frequentar alguns restaurantes para almoçar, pois o fedor de urina é insuportável. A própria Região Administrativa e a Superintendência não atuam firmemente em operações frequentes! Na gestão passada, a subprefeitura atuava quatro vezes por semana, sempre à noite! Hoje, Vila Isabel é um bairro sem representante perante a prefeitura![32]

Neste bojo, como apontam pesquisas recentes, o ressentimento (Autores, 2020) e o medo da perda de *status* no bairro, levou boa parte de seus habitantes, que viram sua sociabilidade local inserida em circuitos comerciais, a apresentarem uma guinada tanto discursiva quanto eleitoral, aproximando-se de discursos conservadores e de extrema direita, refletidos na adesão eleitoral a candidatos deste espectro político como mostram Goulart e Frias (2021).[33]

RECEBIDO em 21/10/2022
APROVADO em 29/11/2022

[31]Recuperado em https://grandetijuca.com.br/noticia/853/morador-faz-registro-do-aumento-de-pessoas-em-situacao-de-rua-em-vila-isabel.html .
[32]Recuperado em https://grandetijuca.com.br/noticia/853/morador-faz-registro-do-aumento-de-pessoas-em-situacao-de-rua-em-vila-isabel.html .
[33]Por decisão pessoal, os autores do texto escrevem segundo o novo acordo ortográfico.

REFERÊNCIAS

Atkinson, R. & Bridge, G. (2005). *Gentrification in a global context: the new urban colonialism*. New York and London: Taylor & Francis e-Library.

Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar.

Bidou-Zachariasen, C. (2006). Introdução. In: Bidou-Zachariasen, C. (Org.). (2006). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 21-58.

Bourdieu, P. (1987). What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley journal of sociology*, *32*, 1-17.

Brito, F., & Oliveira, P. (Org.) (2013). *Até o último homem*. São Paulo: Boitempo.

Brown, W. (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo: A ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Politéia.

Calafati, A. (Ed.) (2014). *The Changing Italian Cities: Emerging Imbalances and Conflicts*. Roma: y Gran Sasso Science Institute, I.N.F.N.

Caruso, H. (2015). A ordem e a desordem de ontem e de hoje: notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, *15*(1), 66-83.

Castells, M. (1989). *The informationalcity: Informationtechnology, economicrestructuring, andtheurban-regional process*. Oxford: Basil Blackwell.

Criekingen, M. (2006). "A cidade renasce! Formas, políticas e impactos de revitalização residencial em Bruxelas". In: Bidou-Zachariasen, C. (Org.). De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de revitalização dos centros urbanos. **São Paulo,** *Annablume.*

Da Costa Cardoso, I. C. da (2013). O papel da Operação Urbana Consorciada do Porto do Rio de Janeiro na estruturação do espaço urbano: uma "máquina de crescimento urbano"? *O Social em Questão*, (29), 69-100.

Glass, R. & Pollins, H. (1960). *Newcomers: The West Indians in London*. Londres: Centre for Urban Studies.

Goulart, M., & Frias, P. (2021). *Do Leme a Santa Cruz: a territorialização eleitoral de Jair Bolsonaro no Município do Rio De Janeiro*. [apresentação de papel]. *Anais do* 12º Encontro da *Associação* Brasileira de Ciência Política (ABCP).

Gutteres, A. S. (2016). O rumor e o terror na construção de territórios de vulnerabilidade na zona portuária do Rio de Janeiro. *Mana*, *22* (1), 179-209.

Hamnett, C. (1984). Gentrification and Residential Location Theory: A Review and Assessment. In: Herbert, D. T., & Johnston (Ed.). *Geographyand The Urban Environment* Chichester: John Wiley.

Harvey, D. (2001). Globalization and the "spatial fix". *Geographische Revue*, 2, 23–30.

Harvey, D. (2005). *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume.

Harvey, D. (2006). *Spaces of global capitalismo: towards a theory of uneven geographical development*. London; New York: Verso.

Kara-José, B. (2007). *Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revalorização do centro de São Paulo*. São Paulo: Annablume; FAPESP.

Lebreton, A, & Mougel, G. (2008). La gentrification comme articulation entre forme urbaine et globalisation: approche comparative Londres/Berlin. *Espaces et sociétés*, *1-2* (132-133), 57-73.

Laclau, E, & Mouffe, C (2004*). Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.

Ley, D. (1986). Alternative explanations for inner-city gentrification: a Canadian assessment. *Annalsofthe association of american geographers*, *76*(4), 521-535.

Lees, L. (2003). Super-gentrification: The Case of Brooklyn Heights, New York City. *Urban Studies 40*(12), 2487-2509.

Lees, L., Slater, T., & Wyly, E. (2008). *Gentrification*. New York and London: Routledge.

Mah, J. (2020). Gentrification-Induced Displacement in Detroit, Michigan: An Analysis of Evictions. *Housing Policy Debate*, 31, 446-468.

Mendes, L. (2017). Gentrificação turística em Lisboa: neoliberalismo, financeirização e urbanismo austeritário em tempos de pós-crise capitalista 2008-2009. *Cadernos Metrópole, 39* (19), 479-512.

Mesentier, L. M., & Moreira, C. (2014). Produção da paisagem e grandes projetos de intervenção urbana: o caso do Porto Maravilha no Rio de Janeiro Olímpico. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 16, 35-50.

Nascimento, B. P. (2019). Gentrificação na Zona Portuária do Rio de Janeiro: Deslocamentos Habitacionais e Hiper Precificação da Terra Urbana. *Caderno Prudentino de Geografia*, *41*(1), 45-64.

Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, *10*.

Portal Brasil (2016). Região Maracanã. Rede do Esporte. Recuperado de: http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/maracana.

Rose, D. (1984). Rethink inggentrification: beyond the unevendevelopment of Marxisturban theory. *Environment and planning D: Society and Space*, *2*(1), 47-74.

Sassen, S. (1991). *The Global City*. New York, London, Tokyo. New Jersey, Princeton University Press.

Sassen, S. (2008). Two stops in today's new global geographies: shaping novel labor supplies and employment regimes. *American Behavioral Scientist*, *52*(3), 457-496.

Smith, N. (2002). Gentrification, the frontier, and there structuring of Urban Space. In: Fainstein and Campbell: *Readings in Urban Theory*. 2ª ed. Nova Jersey: Blackwell Publishing Ltd.

Smith, N. (2006). A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia urbana global. In: C. Bidou-Zachariasen (org). *De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos*. São Paulo: Annablume, 59-87.

Smith, N. (2007). Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. *GEOUSP –Espaço e Tempo*, São Paulo, 21, 15-3.

Vainer, C. (2000). Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, 3, 75-103.